

***As Lettres Portugaises*, 350 anos depois: a (ainda) relevância de Luciano Cordeiro e Edgar Prestage**

The Lettres Portugaises, 350 years later: the (ever) lasting relevance of
Luciano Cordeiro and Edgar Prestage

Manuela Sofia Silva¹

Patricia Rodrigues²

Resumo

A história de amor do texto *Lettres Portugaises* (1669), atribuídas a Mariana Alcoforado, apaixonou – e continua a apaixonar – autores que se interessaram pela freira e/ou que traduziram as cartas para diversas línguas.

¹ Doutorada em Estudos de Literatura e de Cultura, na área de especialização de Estudos Comparatistas, pela Universidade de Lisboa, onde também concluiu o Mestrado em Estudos Românicos, na área de Estudos Franceses. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – variante de estudos Portugueses e Franceses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É professora adjunta convidada do Instituto Politécnico de Tomar.

² Doutorada em Estudos de Literatura e de Cultura, na área de especialização de Estudos Ingleses, pela Universidade de Lisboa, onde também concluiu o Mestrado em Estudos Anglísticos, na área de Estudos Ingleses, e a Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Portugueses e Ingleses. É investigadora do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa e professora adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

A autoria das *Lettres* provocou acesa polémica desde a sua primeira edição, porque surge como uma tradução francesa, mas também porque o suposto original permanece oculto até hoje. Luciano Cordeiro (1888) segue a tradição portuguesa de atribuir a autoria das cartas a Mariana, contribuindo, assim, para a apropriação cultural e literária da protagonista e do texto como património de Portugal. A influência do estudioso português transpôs fronteiras e foi partilhada pelo britânico Edgar Prestage (1893), que seguiu o paradigma defendido por Cordeiro.

Neste contexto, e porque trilhamos os meandros de caminhos vários, propomos uma abordagem focada nestes autores/tradutores do final do século XIX, reconhecendo o seu contributo para a sedimentação desta história de amor no imaginário português.

Palavras-Chave: *Lettres Portugaises*, Mariana Alcoforado, Luciano Cordeiro, Edgar Prestage, tradução, apropriação.

Abstract

The love story of *Lettres Portugaises* (1669), attributed to Mariana Alcoforado, enchanted – and enchants still – authors who became interested in the nun and / or translated the letters into several languages.

The authorship of *Lettres* has sparked controversy since its first edition, because it appeared as a French translation, but also because the supposed original remains undiscovered. Luciano Cordeiro (1888) follows the Portuguese tradition of attributing the

letters' authorship to Mariana, thus contributing to the cultural and literary appropriation of the protagonist and the text as heritage of Portugal. The influence of the Portuguese scholar crossed borders and was shared by the British scholar Edgar Prestage (1893), who followed the paradigm defended by Cordeiro.

In this context, and because we follow the intricacies of various paths, our approach focuses on these late nineteenth-century authors/translators, recognising their contribution to the sedimentation of this love story in the Portuguese imagination.

Keywords: *Lettres Portugaises*, Mariana Alcoforado, Luciano Cordeiro, Edgar Prestage, translation, appropriation.

Publicadas pela primeira vez em Paris, no ano de 1669, sem nome de autor, pelo editor Claude Barbin, sob o título *Lettres Portugaises, traduites en français* – e, mais tarde, atribuídas a Mariana Alcoforado –, constituíram um sucesso livresco imediato que superou, certamente, as expectativas do seu editor. Tidas como autênticas, em parte por causa da informação contida no *Avis au Lecteur* (aviso ao leitor)³ que dá conta do modo como aquelas epístolas devem ser lidas – como autênticas – a obra cria, simultaneamente, o efeito de real e o “faux naturel” (Deloffre, 1992: 672) necessários à verosimilhança da ficção.

De facto, este artifício literário funcionou, como o comprova a quantidade de reimpressões e reedições sucessivas (de Barbin e

³ As traduções de textos em língua francesa ou inglesa, salvo quando a autoria é indicada expressamente, são da responsabilidade das autoras do presente artigo.

de outros editores) ao longo do século XVII, incluindo outras cartas, respostas e traduções, neste e nos séculos seguintes até aos dias de hoje. O encanto do mistério, o escândalo de uma freira que se apaixona e se envolve com um oficial francês, refletido, nesta correspondência, suscitou o interesse do público, de tal modo que rapidamente se começou a especular acerca de quem teria inspirado tão desmesurada paixão, bem como quem teria escrito e traduzido aquelas cartas. De facto, para uma mulher e, mais ainda, para uma freira, escrever sobre assuntos que supostamente lhe estavam interditos, por dupla condição, constituía, à época, um desafio ao *status quo* e uma forma de reclamar para si o direito à sua voz:

As cartas constituem, pois, a sua maneira de alforria, de recusa dos grilhões, porque lhe permitem agir como amante, como agente, como sujeito de ações. De maneira que a passividade própria que encontramos na condição da freira, da Sórora, se metamorfoseia, em Mariana, em ação vital, em maneira de exorcizar a inércia e a resignação atribuídas à histórica condição feminina (Dal Farra, 2007: 28).

A autoria das *Lettres* gerou considerável controvérsia desde que a primeira edição veio ao prelo, não só porque surge como uma tradução francesa, mas também porque o texto em português, do qual as *Lettres* foram supostamente traduzidas, nunca foi encontrado. Na verdade, o Aviso ao Leitor que antecede a obra é bastante vago:

Com muito cuidado e esforço, encontrei maneira de recobrar uma cópia correcta da tradução das cinco Cartas portuguesas, escritas a um distinto gentil-homem que serviu em Portugal. Vendo-as louvadas, ou procuradas tão empenhadamente, por todos aqueles que sabem o que são sentimentos, ceio que lhes daria um raro prazer imprimindo-as. Não sei o nome daquele a quem foram escritas, nem o de quem as traduziu, mas pareceu-me que, publicando-as, não devo incorrer no seu desagrado. Enfim, seria difícil de evitar que aparecessem sem erros de impressão que as desfigurassem (Andrade, 1986: 19).

Esta imprecisão quanto às pessoas envolvidas na correspondência amorosa, quanto ao seu tradutor e à falta de um texto português, conduz a uma outra questão: a do estatuto ficcional ou

autêntico do texto e, em última análise, a inclusão das *Lettres* nos cânones da literatura francesa ou portuguesa, tornando este assunto um terreno fértil e inesgotável para múltiplas e variadas interpretações. Na verdade, a imagem da freira portuguesa, autora das *Lettres*, começa a desenhar-se, ainda em terreno francês, em 1810, a partir da nota de Boissonade quando este avança o nome de Mariana e do destinatário das cartas:

Todos sabem hoje em dia que estas Cartas, cheias de naturalidade e de paixão foram escritas ao Senhor de Chamilly por uma religiosa portuguesa e que a tradução é de Guilleragues ou de Subligny. Mas os bibliógrafos ainda não descobriram o nome da religiosa. Eu posso dizer-lhes. no meu exemplar da edição de 1669, há esta nota numa caligrafia que desconheço: “A religiosa que escreveu estas cartas chamava-se Mariana Alcoforado, religiosa em Beja, entre a Estremadura e a Andaluzia. O cavaleiro a quem estas cartas foram escritas era o Conde de Chamilly, chamado, então, de Conde de Saint Léger” (in Guilleragues, 1972: 74-75).

Além disso, Camilo Castelo Branco descobre, em 1876, a existência de uma religiosa em Beja com aquele nome, descoberta esta que “levou os académicos portugueses a traduzirem ‘de volta’ as cartas para a língua portuguesa; e esta versão reconstruída foi subsequentemente aclamada como uma obra-prima da literatura portuguesa” (Kaufman, 1988: 92). Aliás, é justamente este desejo de restituir a obra à nação portuguesa que vem dar alento a Luciano Cordeiro para prosseguir com as investigações. O registo de óbito, que atestava a existência de Mariana Alcoforado, no Livro das Religiosas defuntas do Real Convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja, é incluído no estudo de Godofredo Ferreira sobre a vida de Mariana, figurando, igualmente, na Introdução que precede a tradução de Prestage:

Aos vinte e oito do mês de julho de mil sete sentos e vinte e três faleseo neste Real Cont.^o de N. Sr^a. Da Conseipção a M. e D. Marianna Alcanforada de idade de outenta e sete anos todos gastos no serviso de deus; continuamente seguio coro e comunidade e em tudo fasia as suas obrigasõis, hera m.to exzemplar ninguém teve quexa sua porq. Hera muito benigna p.^a todos, trinta anos fes ásperas penitencias, padeseo grandes emfermidades com m.ta

comformidade, desejando ter mais que padecer e conhesendo que hera chegada a sua ultima hora pedio todos os sacramentos os quais Resebou em seu juyzo perfeito dando m.t^a graças a Deos pelos haver resebido, e asim acabou com sinais de pridistinada falando athe a ultima hora em fe (in Ferreira, 1923: 3).

A alusão aos trinta anos de “ásperas penitências” e “grandes enfermidades” de Mariana é entendida como prova (quase) irrefutável de que ela seria a autora das cinco cartas de amor arrebatadoras destinadas ao cavaleiro francês. Aliás, a menção de que ela viveu “desejando ter mais que padecer” confirmaria o arrependimento e a penitência que a freira apaixonada fez durante toda a vida, fruto do seu pecado.

Naturalmente que a controvérsia que se estabeleceu no panorama literário português quanto à autoria das *Lettres*, durante o século XIX e XX, também envolveu autores que defendiam a autoria portuguesa das cartas, fossem elas escritas em português ou em francês, outros que, desapaixonadamente, desacreditavam a tese alcoforadista e atribuíam a Guilleragues a paternidade da obra. Por exemplo, António Gonçalves Rodrigues, no seu texto “Sobre a autoria das *Lettres Portugaises*. Notas à margem de um artigo de crítica” (1932) e “Mariana Alcoforado. História e crítica de uma fraude literária” (1944) defende, justamente, a autoria francesa da obra e tece longas críticas aos que perfilham a autoria portuguesa, nomeadamente Luís Cardim. Por sua vez, António Sardinha (1929) também critica a pretensão que os estudiosos portugueses tiveram de incluir as *Lettres* na literatura portuguesa, aludindo ao “Sonnets from the portuguese” de Elizabeth Barrett Browning⁴, cujo título não levou ninguém a considerar esses sonetos como portugueses.

⁴ Elizabeth Barrett Browning (1806-1861) poeta inglesa, cuja reputação assenta principalmente nos seus poemas de amor, *Sonnets from the portuguese* (*Encyclopædia Britannica*, 2019).

Nesta sequência, em 1926, o professor F. C. Green descobre o privilégio real, guardado na Biblioteca Nacional de Paris, que parece pôr cobro a esta dúvida, na medida em que atribui a Guilleragues a autoria da obra: “Ce jour d’hui 17 Novembre 1668 nous a esté presente un Privilege du Roy donné à Paris le 28 Octobre 1668 signé Mageret por cinq années pour un livre intitulé Les Valantins Lettres Portugaises Epigrames et Madrigaux de Guillaques” (*in* Guilleragues, 1972: 80). Um extracto do mesmo Privilégio, que Edgar Prestage (1893: 165) transcreve, no original em francês, apenas menciona a autorização de publicação de *Lettres Portugaises*, concedida a Claude Barbin, sem qualquer menção ao seu autor ou tradutor, o que poderá indiciar o posicionamento do académico britânico em relação à autoria das cartas.

Ainda assim, como sublinha Lefcourt (1976: 494), o artigo de Green (“*Who was the author of the Lettres Portugaises?*”) reveste-se de uma importância excepcional e, de facto, foi o pilar sobre o qual a posição anti-alcoforadista foi erguido”. Contudo:

aqueles que defendiam a autenticidade das *Lettres Portugaises* argumentaram que a redação do Privilégio não apresenta, por si só, prova incontestável de que Guilleragues foi o autor, ressaltando que a ambiguidade da redação e a óbvia pressa e descuido com que foi escrito tornam extremamente perigoso estabelecer uma teoria inteira da autoria só com base no Privilégio (Lefcourt, 1976: 494).

Não obstante, várias vozes continuaram a reclamar a autoria da freira portuguesa, como é o caso de António Bélard da Fonseca: “Cremos que ficou exposto em relação aos pretensos argumentos das teses antiportuguesas, ter demonstrado, de vez, a sua inconsistência, pelo que podemos passar àqueles que, exuberantemente, confirmam a atribuição da autoria das “Cartas” a Madre Mariana Alcoforado”. (Fonseca, 1966: 98). Efectivamente, mais do que estabelecer com rigor a autoria da obra, importa, para os alcoforadistas, reconhecer naquelas palavras prova do sentimentalismo lusitano e, portanto, parte

integrante do património português. Aliás, como refere Linda Kaufmann (1988: 93), “[t]anto a duração como a veemência desta controvérsia teve uma intensidade surpreendentemente constante. O que está em jogo é o orgulho nacional num clássico literário”. Opinião semelhante expressa Ana Alexandra de Carvalho, referindo que os franceses tiveram a pretensão de reclamar para si a autoria de tais cartas: “Aliás, trata-se, no contexto luso, de uma questão amiúde delicada a da incorporação na história literária francesa desta pequena obra-prima, roubando-a, assim, à alma e à literatura nacionais” (2017: 24).

Controvérsias à parte, a publicação das *Lettres* reflecte a astúcia de um editor que soube antever o sucesso de um texto que possuía os ingredientes necessários para despertar o interesse e prender a atenção dos leitores da época: o escândalo dos amores indiscretos e clandestinos de uma freira num espaço relativamente conhecido e próximo, devido à recente intervenção francesa em Portugal, ainda no âmbito das guerras da Restauração. Nesta sequência, ficção e realidade entrecruzam-se numa estratégia retórica, porquanto “a negligência e a impulsividade das cartas de Mariana são efeitos textuais, mais pensados e refletidos do que à primeira vista possa parecer” (Peixinho, 2003: 48), ainda que a história possa ser verosímil e aparentar ser fundada em sentimentos verdadeiros e acontecimentos reais. Aliás, Green (1926: 164) afirma mesmo que a estratégia de envolver o leitor neste processo de descodificação do texto, construindo hipóteses acerca do assunto, consiste numa espécie de entretenimento, em voga na época, em que as pessoas se divertiam a adivinhar os mistérios de identidade, assim expostos, concluindo que “por força da repetição, essa conjectura logo adquirir[e] a autoridade de uma lenda”.

Além disso, não será despidiendo lembrar que o romance epistolar conhece uma popularidade sem precedentes a partir da segunda metade do século XVII, justamente com a publicação de *Lettres Portugaises*, que representa o primeiro exemplo de um romance desse gênero, com uma voz centrada nos sentimentos, inaugurando uma longa tradição segundo o modelo português (Messina, 2017: 2). Na verdade, as *Lettres*, “como manifestação de uma análise psicológica inconsciente, embora auto-realizada, são inigualáveis” (Prestage, 1983: 19) e “têm funcionado [...] como fonte inspiradora das literaturas francesa, portuguesa e mesmo europeia, sendo consensualmente apontadas como a gênese do romance epistolar, gênero narrativo de grande sucesso nos séculos XVII, XVIII e XIX” (Carvalho, 2017: 25).

Note-se que, já na época em que as *Lettres Portugaises* foram dadas à estampa, escrever “uma portuguesa”, como lhe chamou Mme de Sévigné, rapidamente se tornou um modelo, uma arte de escrever cartas num estilo apaixonado e sincero, como se comprova pelo modo como se refere a uma carta que recebeu: “Enfim, Brancas escreveu-me uma carta tão excessivamente terna, que resgata todo o seu esquecimento passado. Fala-me do seu coração em todas as linhas. Se eu lhe respondesse no mesmo tom faria uma *portuguesa*” (in Cordeiro, 1891: 27). Do mesmo modo que Cordeiro se baseia nas palavras de Mme de Sévigné para defender que a forma de escrever cartas das *Lettres* representa o sentimentalismo lusitano, Prestage assume, igualmente, essa mesma premissa: “o título de 'Cartas portuguesas' tornou-se um nome genérico que se aplicava não apenas às imitações que ampliaram as edições subsequentes, mas também a todo tipo de correspondência em que a paixão fosse mostrada *toute nue*” (Prestage, 1983: 28).

Na verdade, esta obra marca “o início de um novo ciclo com o qual o romance se compromete: o da perfeita ilusão onde a verdade e

a ficção se encontram”(Herman, 1989: 153). Efetivamente, “[o] romance epistolar integra e concilia as duas exigências [autenticidade e ficção] antitéticas que lhes são consubstanciais, uma vez que procura criar a ilusão de verdade fingindo construí-la sobre a veracidade dos factos [...]” (Calas 2007: 20).

O discurso epistolar, pelas características formais que lhe são inerentes, nomeadamente o uso da primeira pessoa do singular, constitui um meio privilegiado de transmitir o estado de alma de quem escreve a missiva, protegendo o escritor da reação *in loco* do destinatário, preservando, assim, a pureza dos seus sentimentos, sem a preocupação de rejeição. Para mais, a carta constitui um espaço de intimidade entre os envolvidos e outros que a possam ler, permitindo ao leitor partilhar o papel, quer de um, quer de outro:

[U]ma carta, mesmo quando fictícia, ao confrontar o emissor e o destinatário, plenamente identificados num espaço relativamente pequeno, supõe uma intimidade ou a expressão mesma da intimidade. O leitor acaba tendo um duplo papel: ao assumir o do emissor, abre vicariamente o coração e revela-se e, ao assumir o do destinatário, é premiado com revelações íntimas (Teixeira, 2018: 63-4).

Assim, poder-se-á inferir que, desde que a obra *Lettres Portugaises* veio ao prelo, “a carta é entendida como *medium* apropriado e adequado à expressão espontânea da intimidade e da paixão” (Peixinho, 2003: 48). Esta inferência consubstancia-se no próprio texto, em que Mariana afirma que escreve mais para si do que para o alegado amante: “Escrevo mais para mim, do que para ti. Busco apenas aliviar o meu coração” (Cordeiro, 1925: 31-32).

A carta torna-se, inclusivamente, para Mariana, um meio de aliviar o sofrimento causado pela ausência do amante e mitigar o tormento do amor não correspondido, daí ela confessar que “vi[u] que [ele] [lhe] era menos caro do que a [sua] paixão” (Cordeiro, 1925: 52). Por isso, “estas cartas [*Lettres Portugaises*], são o primeiro exemplo de

realismo com detalhes emocionais e surgem no momento psicológico certo para exercer a maior influência” nos leitores (Morgan, 1911: 72).

A obra, na sua edição original conhecida (francesa), conheceu várias reedições (bem como publicações de outras cartas e respectivas respostas) e foram realizadas diversas traduções para várias línguas desde a sua primeira publicação até aos dias de hoje, como se “as cartas de Mariana tivessem tomado vida própria” (Cyr, 2007: 155). Todavia, para efeitos do presente artigo, concentramo-nos apenas naquelas que foram publicadas até ao final do século XIX, mais concretamente nas traduções para português e inglês.

Em língua portuguesa, a primeira tradução surge em 1819, por Filinto Elísio, seguindo-se outras traduções de José Maria de Sousa Botelho (Morgado de Mateus), em 1825; de Joaquim Pedro Lopes de Mendonça, em 1852; outra de Domingos José Eanes em 1872 e outra ainda de Luciano Cordeiro, incluída no seu importante, e já referido, estudo acerca da freira, em 1888, todas elas reeditadas diversas vezes, embora tenham sido as traduções de Morgado Mateus e de Luciano Cordeiro as privilegiadas para esse trabalho de reedição, sendo, inclusive, as mais reeditadas até 1933. De facto, podemos afirmar que Luciano Cordeiro foi, no final do século XIX, verdadeiramente responsável pela construção histórica da imagem da freira Mariana Alcoforado, a partir da história contida nas *Lettres*, dando forma e vida àquela que iria povoar o imaginário português até aos dias de hoje. Aliás, a obsessão pela autoria portuguesa destas cartas levou os tradutores a terem a pretensão de re-organizar o discurso das *Lettres*, ordenando as missivas de forma diferente da apresentada pelo editor francês por considerarem que este, por desmazelo ou para servir os seus interesses de lucro, as teria trocado de disposição. Deste modo, Luciano Cordeiro ordena as cartas da sua tradução de acordo com a

sequência ADCBE, dito de outro de modo, Cordeiro substitui a segunda carta pela quarta, remetendo a segunda para o lugar da quarta.

Já no espaço britânico, Robert L'Estrange, em 1768, traduz a obra para inglês com o título *Letters of a Portuguese Nun* (Birch, 2009: 345) e, em 1893, Edgar Prestage publica a sua tradução, *Letters from a Portuguese Nun (Mariana Alcoforado)*, quando essa obra já teria sido traduzida para várias línguas europeias e as edições francesas ultrapassavam já as 30 (Prestage, 1983: x). No caso da língua inglesa, Prestage menciona a tradução de William Bowles, *Letters from a Portuguese Nun to an Officer in the French Army*, publicada em 1808. No Prefácio, Prestage menciona, ainda, a “excelente” obra de Luciano Cordeiro, *Marianna. A Freira Portuguesa* (1888), reconhecendo a sua dívida intelectual para com Cordeiro: “foi com ele que aprendi quase tudo o que sei sobre Marianna e, na minha Introdução, fiz um uso liberal do seu livro [*Marianna. A Freira Portuguesa*]” (Prestage, 1983: xi). Além disso, faz a ressalva de que o seu objectivo foi manter-se o mais fiel possível ao texto em francês, lamentando o facto de o original português estar supostamente perdido, recorrendo, ainda, à “re- tradução magistral do senhor Cordeiro” (Prestage, 1983: xiii), seguindo mesmo o tradutor português na re-organização da ordem das cartas, trocando a segunda e a quarta (Prestage, 1983: xiii).

Luciano Cordeiro, escritor, tradutor, historiador e geógrafo, foi uma figura incontornável no panorama literário português, que “soube defender e honrar o nome do seu país (Machado, 1981, 135). Entusiasta da autoria portuguesa da obra *Lettres Portugaises*, realizou um copioso estudo acerca da existência de Mariana Alcoforado e da vida da freira no Convento de Beja naquela época (século XVII), que o levou a importantes descobertas e revelações. Cordeiro reuniu esta informação e estes documentos inéditos num volumoso estudo ao qual deu o título de *Soror Mariana, a freira Portuguesa*, publicado em

1888, (seguido de uma nova edição, em 1891, aumentada e melhorada com novas informações), designado o “ano da freira” por Júlio César Machado, precisamente por ter sido um período de forte entusiasmo relativamente a este assunto. Aliás, este será, por excelência, o momento fundador da memória histórica de Mariana e configurador do mito da freira apaixonada, cujos sentimentos representam o modo arrebatador de amar à portuguesa.

Após esta recolha exaustiva de informação e de análise acerca dos factos da vida de Mariana, procedeu-se a um certo trabalho de “reconstituição histórica, combinando estes dados com os acontecimentos da vida de Chamilly, a sua estadia em Portugal e as parcas informações e acontecimentos descritos nas cartas. As peças do *puzzle* encaixavam *tant bien que mal*” (Silva, 2018: 50), uma vez que as evidências encontradas pareciam, por vezes, ajustar-se de forma um pouco forçada, para servir o objectivo da defesa da autoria portuguesa do texto. Neste contexto, podemos afirmar que a recepção, embora tardia, das *Lettres Portugaises* em Portugal e o (re)conhecimento da freira portuguesa como autora e/ou inspiradora das cartas de amor no início do século XIX motivou estudiosos como Luciano Cordeiro, que se sentiram imbuídos da missão de traduzir e devolver à pátria portuguesa não só o texto, como a própria autora. Assim sendo, como referem os editores da obra de Luciano Cordeiro, colocando, além do mais, a tónica no estilo espontâneo, simples e verdadeiro das *Lettres* que contrastava com o modo de se fazer literatura da época, esta obra:

[s]eria uma homenagem a mais, - e d'esta vez perfeitamente portugueza, - à desolada figura da nossa Heloisa, definitivamente restituída à literatura pátria, como a queria Morgado de Matheus, e como ella é, [...] violino, vibrante, indisciplinado, que nos traz a lembrança consoladora e amiga do que é espontaneo, do que é ingenuo e necessariamente verdadeiro e eterno, no meio das pompas e dos refinamentos artisticos, magistraes, da grande orchestra dos seiscentistas (Cordeiro, 1891: 8).

De facto, já a tradução de Filinto Elísio, em 1819, tinha dado o impulso necessário à divulgação das *Lettres* em Portugal, a partir do qual se deu “um processo independente de recepção e interpretação, que conduziu progressivamente ao desenvolvimento de um dos mitos culturais mais prezados do País” (Klobucka, 2006: 14). Foi neste sentido que as investigações portuguesas procuraram recriar o contexto histórico, assim como a história dos amores de Mariana e de Chamilly, encontrando factos históricos e empíricos que pudessem assentar nas *Lettres*. Dito de outro modo, o propósito de estudiosos como Cordeiro era o de encontrar referencialidade histórica para as poucas informações contextuais retratadas nas cartas. Assim, “[d]a anónima freira das *Lettres portugaises* se construiu uma personagem histórica e, posteriormente, uma figura mítica de amante e autora literária excecional, ainda que *malgré elle...*” (Carvalho, 2017: 258).

Por esse motivo, Klobucka afirma que o “revitalismo nacionalista dos séculos XIX e XX, cujas referências genuinamente históricas (e pseudo-históricas) foram procuradas e estabelecidas *ex post facto*” (Klobucka, 2006: 25), isto é, as premissas da ficção é que deram lugar à construção histórica da personagem e não o inverso, como seria comum acontecer. A personagem ficcional precede, assim, a figura histórica e autoriza, de certa forma, essa mesma existência factual. Além disso, Cordeiro secunda Morgado Mateus quanto à análise do texto francês publicado por Barbin:

Um português, ou seja, quem for que conheça bem esta língua, não poderá duvidar que as cinco cartas da religiosa tenham sido traduzidas quase literalmente de um original português. A construção de muitas frases é tal que retraduzindo-as palavra a palavra em português, encontrar-se-ão inteiramente no génio e no carácter desta língua. A tradução afrouxou-as incontestavelmente, mas repito: para qualquer português é claro que pela conformidade de certas frases da tradução, com as que se empregam na língua portuguesa, o tradutor segue quasi literalmente o original, salvo naquilo que algumas vezes exigia o génio diferente das duas línguas (Morgado Mateus *in* Cordeiro, 1891: 31).

Para Cordeiro, são evidentes as marcas de simplicidade na expressão de sentimentos contida nas palavras da obra, a sentimentalidade e a espontaneidade são tidas por portuguesas, onde a “vivência do amor fazendo do coração a (des)medida de todas as coisas (Dias, 1971: 23) é apanágio da cultura portuguesa e do carácter de ser português” (Silva, 2018: 63). Será seguindo esta linha de pensamento que Cordeiro empreenderá o seu trabalho de tradução, procurando restituir estas marcas de portugalidade e de sentimentalidade, próprias do amor à portuguesa, ainda que, para isso, tenha que manipular o texto no sentido de servir o seu propósito patriótico. No entanto, é importante salientar que, do século XIX em diante (e, sobretudo, até ao período do Estado Novo português), os estudiosos não entendiam a edição de Claude Barbin como texto original que é, mas sim como uma tradução. Assim, as traduções portuguesas resultam já de um texto derivado, e, neste sentido, constituem hipóteses, possibilidades de texto nunca acabadas. Além disso, cada tradutor procurava, à sua maneira, aproximar ao máximo o seu texto daquilo que teria sido o discurso de uma mulher, freira, em Beja, no século XVII. Porém, realça-se que a falta de um original em português potencia a criação de múltiplas hipóteses de textos que, inevitavelmente, redundam sempre em especulações daquilo que seria o próprio original português.

A par da tradução portuguesa das *Lettres*, a personagem histórica ou pseudo-histórica desenvolvida por Cordeiro, e por outros estudiosos que se lhe seguiram, vai-se sedimentando na memória e no imaginário português, contribuindo para uma apropriação cultural da personagem da freira, mas também literária, procurando fazer do texto das *Lettres* um texto português, capaz de integrar os cânones da literatura nacional. Salienta-se que não só em solo português o interesse pelas *Lettres Portugaises* se fez sentir. Também em Inglaterra a obra suscitou forte entusiasmo, particularmente com

Edgar Prestage, cujo interesse pelas Letras Portuguesas parece ter sido profundo, tendo, inclusive, traduzido vários textos, nomeadamente de Eça de Queirós e de Antero de Quental, para a língua inglesa, tendo o seu obituário enaltecido “a principal autoridade britânica da sua época sobre literatura e história portuguesas” (Laidlar, 1992: 75), “um amigo único de Portugal [que] certamente merecia um monumento em Lisboa”, como o descreveu Jaime Batalha Reis, numa carta que lhe endereçou a 2 de Julho de 1904 (Reis *in* Laidlar, 1992: 75). Aliás, por ocasião da sua primeira visita a Portugal, no Verão de 1890, Prestage impressionou o vice-presidente do Seminário Inglês, Reverendo James Warwick, em Lisboa, com o seu conhecimento excepcional da literatura portuguesa (Laidlar, 1992: 77-8). É, no entanto, de realçar que, como o próprio enfatiza em duas notas autobiográficas, Prestage não tinha qualquer ligação pessoal ou familiar com Portugal antes de desenvolver sua própria lusofilia na década de 1880 (Laidlar, 1992: 78):

[...] muitas pessoas, assim como em Inglaterra, têm perguntado como eu vim a consagrar os melhores anos da minha vida ao estudo aturado da literatura e história portuguesas. [...] Há qualquer coisa de misterioso na atracção que me levou, ainda criança, a desenhar mapas da terra, que passados muitos anos eu viria a habitar (Prestage, 1919: 171).

Numa carta a Teófilo Braga, datada de 12 de Setembro de 1893, Prestage declara mesmo que o seu objectivo é “trazer os grandes escritores de Portugal ao conhecimento do público inglês” (Vilhena, 1988: 253), usando, naturalmente, as suas traduções para tentar influenciar o modo como os seus conterrâneos percepcionavam Portugal.

Em *The rise of the novel of manners* (Morgan, 1911), o Capítulo II, “The Novel 1600-1700”, dedica uma secção inteira às *Portuguese Letters* (70-75), em que *Letters of a Portuguese Nun* (tradução de Edgar Prestage) são identificadas, como a maior “influência literária

do século” (Morgan, 1911: 70) e a obra de Luciano Cordeiro (*Soror Mariana. A Freira Portuguesa*, 1891) como a autoridade máxima sobre o assunto, segundo Edgar Prestage (Morgan, 1911: 70, n. 35). Com efeito, na sua tradução, Edgar Prestage segue Luciano Cordeiro na atribuição da autoria das cartas a Mariana Alcoforado, incluindo, na “Introdução”, uma descrição, com algum detalhe, tanto do contexto da época, como da história e genealogia das duas personagens, Mariana e Chamilly. Também se inclui a descrição do esforço, por parte de historiadores religiosos, em ocultar um romance por recearem que a divulgação do episódio amoroso pudesse abalar a reputação do convento: “a tradição de Mariana e seu amor fatal foi perpetuada no convento, apesar das tentativas, naturais, por parte de cronistas monásticos e outros, em esconder todos os traços desse amor (Prestage, 1983: 11).

Na sua tradução, Prestage inclui a obra “original” (em francês), incluindo o Aviso ao Leitor. No entanto, curiosamente, no seu trabalho de tradução, esse mesmo aviso não aparece traduzido, quiçá por descuido, ou mesmo propositadamente, por tal aviso ser manifestamente vago, sem qualquer referência a Mariana, ou, talvez, porque a “re- tradução magistral” (Prestage, 1983: xiii) de Luciano Cordeiro que, como já antes referido, Prestage admite seguir, também não o traduz. Esta hipótese afigura-se mais plausível, na medida em que Prestage imita Cordeiro na re-organização das cartas, remendo a segunda carta para o lugar da quarta e vice-versa. Esta nova disposição na ordem das cartas, diferente da primeira edição, de Barbin, que Cordeiro e, posteriormente, Prestage, seguem, configura uma outra interpretação do próprio episódio amoroso, servindo os interesses destes dois tradutores, visto acreditarem que tal sequência das cartas, até por motivos de referencialidade história, reforçava a sua convicção de que as cartas teriam, efetivamente, sido escritas por Mariana. O facto de remeterem a quarta missiva para o lugar da segunda vai precisamente ao

encontro dessa necessidade de coerência temporal, e, simultaneamente, está de acordo com a evolução do estado de espírito de Mariana, no que se refere à intensidade do seu sofrimento. Com efeito, nesta segunda carta (seguindo a ordem de Cordeiro e Prestage), Chamilly teria aportado no Algarve, sem que Mariana tivesse tido conhecimento: “O teu tenente acaba de informar-me que uma tormenta se fizera arribar ao Algarve. Receio que tenhas sofrido muito no mar, e esta apreensão tão vivamente me absorveu que não tenho pensado em todas as minhas penas” (Carta II, Cordeiro, 1925: 23). Esta indicação sugere-nos que, de certa forma, Chamilly teria abandonado Beja há pouco tempo (uma vez que ainda estaria em viagem), que o fim do romance seria recente e, portanto, Mariana ainda acreditaria no seu regresso. Já na quarta carta (seguindo a ordem de Cordeiro e Prestage), pelas palavras de Mariana, o seu sofrimento já vai longo, tendo, pressupõe-se, aumentado exponencialmente desde a carta II até à carta IV:

Certo, que é uma grande violência que faço aos sentimentos do meu coração, diligenciar ainda, escrevendo-te, fazer-t’os comprehender. Como eu fôra feliz se bem os pudesse avaliar pela vehemencia dos teus! Mas não posso fiar-me em ti e, não posso tambem deixar de dizer-te, bem menos vivamente do que sinto, que não devias mortificar-me tanto, com este esquecimento que me enlouquece e que é até uma vergonha para ti” (Carta IV, Cordeiro, 1925: 43).

Um aspecto curioso da tradução de *Prestage* é o facto de que, a anteceder cada carta, se incluir uma epígrafe de um autor luso, no seu original em português. Como nos diz Carlos Ceia, “[a] epígrafe é um pré-texto que serve de bandeira ao texto principal, por resumir de forma exemplar o pensamento do autor” (Ceia, 2009: s.p.). Como estratégia, “[a] epígrafe literária entrou em uso no século XVI, mas tornou-se moda no século XVIII, num progresso ascendente que atingiu o ápice nas décadas seguintes” (Moisés, 2004: 158). Efectivamente, e sendo a epígrafe uma breve citação que se coloca a anteceder um texto, as epígrafes transcritas por *Prestage*, elucidam,

de certa forma, acerca do conteúdo das cartas, preparando o leitor para o que irá ler. Deste modo, A anteceder as três primeiras cartas de amor da freira, Prestage coloca excertos do capítulo 1 da obra [*Menina e Moça ou Saudades* (1554)], a novela sentimental e bucólica de Bernardim Ribeiro:

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tao longe? ... Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza; nem parece ainda, senao que estava espreitando ja que vos fosseis.

(Prestage, 1983, Carta I: 37).

Das tristezas, não se pode contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem ellas.

(Prestage, 1983, Carta II: 46).

... Que este pequeno penhor de meus longos suspiros va ante os seus olhos. Muitas outras cousas desejo, mas esta me feria assaz.

(Prestage, 1983, Carta III: 68).

As palavras contidas nas três epígrafes de Bernardim Ribeiro, ao servirem de mote ao próprio conteúdo das três primeiras cartas, encontram, igualmente, eco no lamento perturbado e continuado de Mariana, desde o momento em que o amante a abandonou, a tristeza e as saudades que se seguiram, onde o tom sofrido e a dor da ausência se vão intensificando. Na penúltima carta (IV), a escolha de Prestage para epígrafe recai na *Ode* iii, de Luís de Camões, o príncipe dos poetas portugueses. As palavras de Camões espelham, na perfeição, o estado de espírito de Mariana neste momento da correspondência a uma só voz, uma vez que ela nunca obtém qualquer resposta, nem antevê uma saída para o seu sofrimento, nem para os seus sentimentos. Assim, na quarta missiva, a epígrafe de Camões pretende ilustrar o desespero de Mariana pela ausência de notícias de Chamilly:

Ai gostos fugitivos !
Ai gloria já acabada e consumida !
Ai males tão esquivos !
Qual me deixais a vida !
Quão cheia de pezar ! quão destruida !
(Prestage, 1983, Carta IV: 78).

Com efeito, face à ausência de resposta do amado, “passados seis meses sem receber [-] uma só carta” (Cordeiro, 1925: 44), Mariana lamenta a sua condição de freira e o momento em que o conheceu, mas rapidamente se compraz neste sofrimento: “Não me arrependo, contudo, de te haver adorado. Regala-me que me seduzisses. A tua ausência rigorosa, talvez eterna, não diminui em nada a violência do meu amor” (Cordeiro, 1925: 46). Esta dicotomia de sentimentos contraditórios, tão comuns a uma paixão desmesurada, perpassa, *grosso modo*, as cinco cartas. Por fim, a última carta é precedida de um excerto da *Canção* ix, também de Camões, que reflete a disposição de Mariana, conformada com o seu destino, parecendo aceitar que o afastamento de Chamilly será definitivo e que a ausência de resposta comprova que o seu amor não é correspondido:

Estou pôsto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene:
Póde ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo,
Com pena de penar-me, me despene.
(Prestage, 1983, Carta V: 89).

À semelhança das palavras expressas por Camões, Mariana aceita “tudo o que o fatal destino ordene”, por isso, a última carta representa o *terminus* da correspondência. Neste sentido, a carta V, e derradeira, revela já um tom diferente, quase de resignação, por vezes, com uma frieza que se pressupõe calculada, em que Mariana finalmente percebe que Chamilly não irá voltar: “Escrevo-lhe pela última vez e espero fazer-lhe perceber na diferença dos termos e na maneira d’esta carta, que logrou convencer-me, finalmente, de que não me amava já, e que assim, também, devo deixar de o amar” (Carta V, Cordeiro, 1925: 51). Mariana parece compreender, enfim, que o romance está condenado ao fracasso e mostra-se determinada a cessar qualquer contacto futuro, encerrando, nestes moldes, esta última epístola:

Mas nada mais quero do senhor. Sou uma doida em repetir as mesmas cousas tantas vezes. É mister que o deixe e que não pense mais em si. Creio até que não tornarei a escrever-lhe. Tenho alguma obrigação de lhe dar conta da minha vida? (Carta V, Cordeiro, 1925: 59).

Será, ainda, digno de nota mencionar que, em apêndice à sua tradução, Prestage inclui, também, uma tradução, em verso, das cinco cartas da freira portuguesa para inglês (*New Miscellaneous Poems With Five Love-Letters. From a Nun to a Cavalier. Done into Verse. 2nd Ed. London: Printed for W. Mears, 1713*) que considerou deveras interessante. No entanto, ressalva que esta tradução permanece envolta em mistério (ironicamente, um pouco à semelhança da edição das *Lettres* de Barbin, diríamos nós), uma vez que todos os esforços envidados para descobrir o autor dessa tradução, bem como a data dessa primeira edição, se revelaram infrutíferos (Prestage, 1983: 175).

Em jeito de conclusão, consideramos que, 350 anos após a primeira publicação de *Lettres Portugaises*, Luciano Cordeiro e, na sua esteira, Edgar Prestage, constituem-se como figuras maiores da apropriação da freira de Beja como parte integrante e inegável do património literário e cultural português. A obra *Soror Mariana. A Freira Portuguesa* (1888), publicada por Cordeiro, viria a revelar-se uma “dissertação definitiva e um clássico perene da literatura alcoforadista portuguesa” (Klobucka, 2006: 54), sendo este estudo, inclusivamente, saudado como “excelente” por Edgar Prestage, cuja tradução e estudo das *Lettres* foram decisivamente influenciados pelo estudioso português. Aliás, Prestage foi mesmo considerado “um dos sábios estrangeiros que melhor estudaram problemas da História e da Literatura de Portugal” (Almeida, 1950: 3), em que se inclui o contributo notável da sua tradução do texto em análise. A história de amor retratada nas *Lettres* apaixonou – e continua a apaixonar – tanto autores que se interessaram pela freira e/ou que traduziram essas cartas para diversas línguas, como leitores que se encantaram pela expressão sentida do amor entre Mariana e Chamilly. Importa aqui

menos saber se se trata de um produto de ficção ou realidade do que o seu contributo para a sedimentação do mito da freira apaixonada no imaginário coletivo de uma nação, que transpôs fronteiras. Para mais, é inegável que, para qualquer estudo sério que se pretenda fazer nesta área, é inconcebível, pelo exposto, não considerar a (ainda) relevância de Luciano Cordeiro e de Edgar Prestage.

REFERÊNCIAS

CORPUS

- ALMEIDA, J. A. Ferreira de, "Edgar Prestage e Portugal" in *Bulletin of Hispanic Studies*, Volume 27, Issue 105, 1950, pp. 3-39.
- ANDRADE, Eugénio de, *Cartas Portuguesas atribuídas a Mariana Alcoforado*. Porto, Limiar, 1986.
- CORDEIRO, Luciano, *Cartas de Amor de Sórora Mariana ao Cavaleiro de Chamilly*. Lisboa, Livraria J. Rodrigues e C.^ª, 1925.
- CORDEIRO, Luciano, *Sorora Mariana, a freira portuguesa*. Lisboa, Ferin, 1888.
- PRESTAGE, Edgar, *The letters of a Portuguese nun (Marianna Alcoforado)*. London, David Nutt, 1893.

BIBLIOGRAFIA TEÓRICO-CRÍTICA

- ALMEIDA, J. A. Ferreira de, "Edgar Prestage e Portugal", *Bulletin of Hispanic Studies*, Volume 27, Issue 105, 1950, pp. 3-39.
- ALMEIDA, Teresa Sousa de, "Sorora Mariana Alcoforado", MACHADO, Álvaro Manuel, *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa, Presença, 1996, pp. 18-19.
- BIRCH, Dinah, "Epistolary Novel". *The Oxford Companion to English Literature*. Oxford, Oxford University Press, 2009, pp. 345.
- CALAS, Frédéric, *Le roman épistolaire*. Paris, Armand Colin, 2007.
- CEIA, Carlos, "Epígrafe" in CEIA, C., *E-Dicionário de Termos literários de Carlos Ceia*. Disponível em <http://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/epigrafe/>, consultado a 4 de outubro de 2019.
- CYR, Miriam, *Letters of a Portuguese Nun: Uncovering the Mystery Behind a 17th Century*. New York, Miramax Books, 2007.
- DAL FARRA, Maria Lúcia, *A Dama, a Dona e uma Outra Sórora. Santa Maria: PPGL - UFSM*, 2007.
- CARVALHO, Ana Alexandra Seabra de, "A Freira Portuguesa - Do Anonimato às Luzes da Ribalta" in CARREGA, Jorge e FERNANDEZ, Sara Vitorino, *A Europa e os Impérios Coloniais na Literatura e no Cinema*. Faro, CIAC, 2017, pp. 23-36.
- DELOFFRE, Frédéric, "De Voltaire à Guilleragues: notes sur quelques 'topoi' de la lettre amoureuse" in *Revue belge de philologie et d'histoire*, tome 70, n.º 3, 1992, pp. 665-672.
- DIAS, Jorge, *Estudos do carácter nacional português*. Lisboa, Centro de Estudos de Antropologia Cultural, 1971.
- FERREIRA, Godofredo, "Sorora Mariana Alcoforado morreu há 200 anos (1723-1923)" in *Diário de Lisboa*, 28 de Julho, 1923.

Manuela Sofia Silva e Patricia Rodrigues

FONSECA, António Bélar da, *Mariana Alcoforado, a freira de Beja e as "Lettres Portugaises"*. Lisboa, Imprensa Portugal-Brasil, 1966.

GREEN, F.C, "Who was the author of the Lettres Portugaises?" in *Modern Language Review*, vol. 21, n.º 2, april, 1926, pp. 159-167.

GUILLERAGUES, Gabriel, *Lettres Portugaises. Chansons et bons mots valentins. Introduction, notes, glossaire par Frédéric Deloffre et Jacques Rougeot*. Genève, Paris, Droz/Minard, 1972.

HERMAN, Jan, *Le mensonge romanesque*. Amsterdam, Rodopi, 1989.

KAUFFMAN, Linda S., *Discourses of Desire: Gender, Genre and Epistolary Fictions*. Ithaca, Cornell University Press, 1988.

KLOBUCKA, Anna, *Mariana Alcoforado: formação de um mito cultural*. Trad. Manuela Rocha. Lisboa, INCM, 2006.

LAIDLAR, John F., "Edgar Prestage: Manchester's Portuguese pioneer" in *FBulletin of the John Rylands Library*, 74(1), 1992, pp. 75-94.

LEFCOURT, Charles R., "Did Guilleragues Write "The Portuguese Letters"?" in *Hispania*, Vol. 59, No. 3, 1976, pp. 493-497.

MACHADO, José Timóteo Montalvão, "Luciano Cordeiro" in *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1981.

MESSINA, Luisa, "The Epistolary French Novel between History and Literature" in *American Research Journal of English and Literature*, vol 3, no. 1, 2017, pp. 1-7.

Moisés, Massaud, "Epígrafe" in *Dicionário de termos literários*. São Paulo, Cultrix, 2004, p. 158.

MORGAN, Charlotte Elizabeth, *The rise of the novel of manners; a study of English prose fiction between 1600 and 1740*. New York, Columbia University Press, 1911.

PEIXINHO, Ana Teresa, "As Cartas de Soror Mariana: o epistolar como discurso da paixão" in *Biblos*, n. s. XI, 2013, pp. 39-59.

PRESTAGE, Edgar, "Notas autobiográficas" in *O Instituto*. Nº66, 1919, pp. 171-8.

RODRIGUES, António, *Mariana Alcoforado, História e crítica de uma fraude literária*. Coimbra, Coimbra Editora, 1935.

RODRIGUES, António, *Sobre a autoria das Lettres Portugaises: notas à margem de um artigo de crítica*. Coimbra, Coimbra Editora, 1932.

SILVA, Manuela Sofia, *As Lettres Portugaises na literatura portuguesa contemporânea*. Tese de Doutoramento. Lisboa, Faculdade de Letras a Universidade de Lisboa, 2018.

Teixeira, Eliane de Alcântara, "As cartas de amor de alcoforado e a retórica da persuasão" in *UNIITALO*, v. 8, n.4, 2018, pp. 58-82.

VILHENA, Maria da Conceição, "Relações de Edgar Prestage com Escritores açorianos" in *Arquipélago*, 1988, pp. 247-262.

